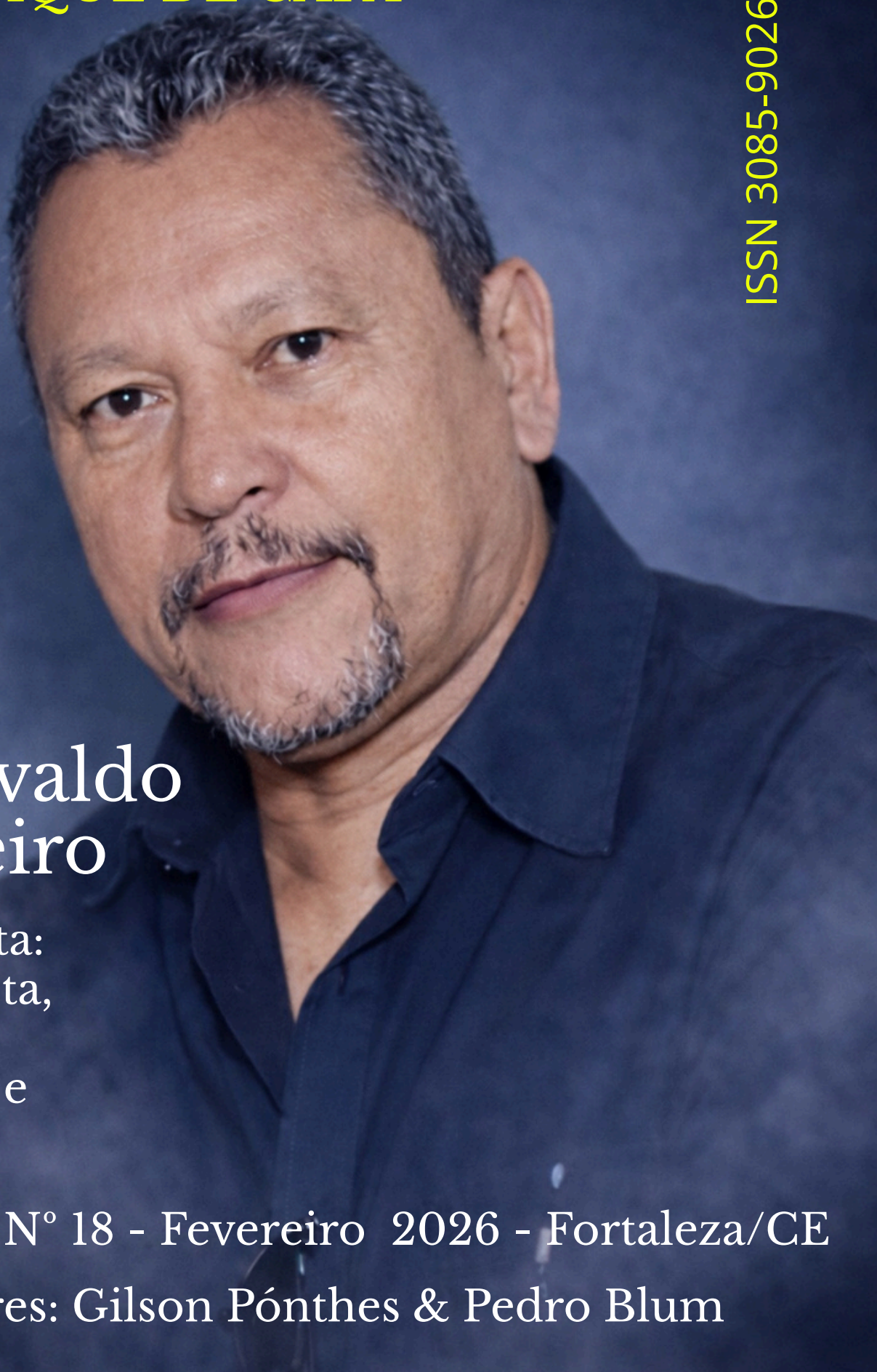


REVISTA VOZ DA PALAVRA

DESTAQUE DE CAPA

ISSN 3085-9026

A portrait of Bernivaldo Carneiro, a middle-aged man with short, graying hair and a goatee, wearing a dark blue button-down shirt. He is looking slightly to the left of the camera with a neutral expression. The background is a dark, textured blue.

Bernivaldo
Carneiro

Ficcionista:
romancista,
contista,
romancista e
cronicista

Vol. 2 - Nº 18 - Fevereiro 2026 - Fortaleza/CE

Editores: Gilson Pónthes & Pedro Blum

ISSN 3085-9026

Revista Voz da Palavra



Volume 2

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Fevereiro de 2026/Fortaleza/CE

Editores

Gilson de Albuquerque Pontes

&

Pedro Blum de Moura

Copyright © Revista Voz da Palavra



UM ESPAÇO ESPECIAL PARA DESTACAR OS AUTORES



Gilson Pónthes

Pedro Blum

**Escritores e Poetas
nesta revista**

Ana Clara
Bernivaldo Carneiro
Gilson Pónthes
Isa Bacelar
José Rubens Vasconcelos
Pedro Blum
Vicente Alencar

Orgulho é a metade
do atrativo do pecado.
Nada nos envaidece tanto
como dizerem-nos
que somos pecadores.

Oscar
Wilde

EXPEDIENTE

Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura
Revista: Voz da Palavra
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes
Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque Pontes
e Pedro Blum de Moura
Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura
Design e Diagramação: Gilson Pónthes
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes
Colaboradores desta revista:
Redes Sociais: Site, Instagram,
Facebook, Google e WhatsApp

NOTA

Todos os textos e imagens
publicadas
são de responsabilidade
da revista.

A reprodução é permitida somente
com autorização por escrito.



EDITORIAL

Em um tempo marcado pela velocidade das informações e pela fragilidade dos diálogos, a palavra pensada, escrita e sentida tornou-se um gesto raro — e, por isso mesmo, necessário. A Revista Voz da Palavra nasce e se renova a partir dessa convicção: a palavra ainda importa. Esta edição convida o leitor a desacelerar o olhar e a escutar com atenção. Cada texto aqui reunido é resultado de uma escolha consciente: escrever não para impressionar, mas para comunicar com verdade; não para dividir, mas para provocar reflexão; não para ocupar espaço, mas para construir sentido.

Acreditamos que a literatura, a poesia, o ensaio e a crônica continuam sendo formas legítimas de resistência cultural e humana. Em meio a ruídos, superficialidades e discursos passageiros, a palavra bem cuidada preserva a memória, afirma identidades e mantém viva a capacidade de pensar.

A Voz da Palavra é plural. Abriga diferentes estilos, experiências e visões de mundo, unidas pelo respeito à linguagem e à dignidade humana. Aqui, a escrita não se impõe — dialoga. Não grita — permanece.

Que esta edição seja lida com calma, sentida com profundidade e partilhada com responsabilidade. Que cada página reafirme nosso compromisso com a cultura, com a leitura e com a palavra que ilumina, mesmo nos tempos mais densos.

Enquanto houver palavra, haverá voz.

Enquanto houver voz, haverá sentido.

Diretoria Editorial

Revista Voz da Palavra

Sumário

- 7–10 | Entrevista em Destaque**
- 11 | Resumo Biográfico**
- 12–13 | Anos das Edições**
- 14–16 | Sinopses**
- 17 | Lagos | Encantamento**
- 18 | Distorções da Sociedade**
- 19 | A Falta de Ar**
- 20 | Rosa Flor Menina | Aldravia | Poesia**

Entrevista em Destaque

Bernivaldo Carneiro



1. Muita coisa que você escreve nasce da estrada. Qual foi o caso mais curioso — ou mais marcante — que uma viagem já lhe deu?

Nem sempre a estrada nos dá tudo sem cobrar. Na maioria das vezes exige tropeço, susto ou algum constrangimento. E como tal, as histórias, os acontecidos que ficam não são os épicos, mas os desajustes humanos — a palavra atravessada, o silêncio mal interpretado, a expectativa que não passou na imigração.

Numa manhã de 1991, em Buenos Aires, a recepção do hotel me abordou com solenidade: havia um recado da Embaixada Brasileira. Entrei em pânico porque, na noite anterior, embalado por vinho, tango e excesso de franqueza, eu não falara bem do então governante brasileiro. Mas a paranoia se desfez ao cabo de duas horas. O “incidente diplomático” foi apenas um trote — obra de uma das brasileiras que, na noite anterior, dividiram mesa comigo na senha-show da casa de diversão Tango Mio e que queria mesmo era outras coisas.

. Quando você senta pra escrever sobre um lugar por onde passou, o que vem primeiro: o cenário ou o sentimento que aquele lugar lhe deixou?

O sentimento vem antes. Sempre. O cenário entra depois, como documento tardio. Posso esquecer ruas, datas e fachadas, mas não esqueço o cheiro da manhã, a estranheza súbita, a alegria sem aviso. Escrevo para decifrar o impacto; o lugar aparece tentando se explicar.

3. Quem lê seus textos percebe um jeito muito oral de contar história, quase como conversa de beira de estrada. Isso vem da tradição dos causos que você ouviu ao longo da vida?

Vem, e vem fundo. Aprendi a escutar antes de aprender a escrever. Antes da vírgula, a pausa; antes do ponto final, o olhar enviesado. Os causos nunca vinham retos — e sigo desconfiando de texto que anda em linha reta. Escrevo como quem oferece um café e começa sem pressa, porque memória não gosta de ser apressada.

A propósito: há algo mais chato do que quem atropela seguidamente a fala alheia? Sou adepto do dito popular: “Quem não sabe ouvir não sabe conversar”. Então, antes da vírgula, aprendi a pausa. Antes do ponto final, o olhar enviesado.

4. Nas suas viagens, que tipo de gente mais lhe marca? Quem costuma virar personagem?

O anônimo. Sempre ele. O que não posa, não explica, não se anuncia. O contador de histórias já chega editado; o silencioso, quando fala, desmonta tudo. Mas o anônimo passa, deixa rastro e vai embora sem saber que ficou. É nele que a viagem vira literatura.

5. Mesmo quando o assunto é sério, você costuma puxar pro humor ou pra leveza. Isso é jeito seu de ver a vida ou estratégia de escrita?

É defesa e método. O humor nunca foi máscara, foi fresta. Rir não diminui o peso das coisas — às vezes é o único jeito de carregá-las. A leveza não alivia: revela. Quando a ironia sussurra, a memória se sente segura pra falar.

6. Depois que o texto vai pro papel, o caso muda de dono. Você já se surpreendeu com leituras que fizeram das suas histórias?

Muitas vezes. Já encontraram melancolia onde eu jurava haver apenas graça, e riso onde eu estava em carne viva. E está tudo certo. Texto que é publicado vira território compartilhado. Se não me surpreender depois de pronto, talvez eu não tenha ido fundo o bastante.

7. Existe alguma viagem ou experiência que você ainda não conseguiu transformar em texto? O que falta pra essa história sair?

Sim! Existem várias. O que falta quase sempre é decantação. Algumas histórias ainda estão quentes demais; outras esfriaram sem aviso. Nem tudo o que vivi virou palavra e talvez nunca vire. Escrever também é saber esperar.

8. Pra fechar: o que faz um caso simples atravessar o tempo e continuar vivo na memória de quem lê ou escuta?

Talvez seja a coragem de não querer ser grande. Um ocorrido, um fato sobrevive quando aceita ser pequeno, quase invisível. Quando não disputa espaço com a História, mas pede licença à memória. É nesse território miúdo — onde cabem o espanto, o riso contido e a dor sem espetáculo — que a palavra encontra abrigo.

Escrever é salvar do esquecimento o que passou distraído. Catar restos de vida pelo caminho, soprar o pó do tempo e devolver sentido ao banal. Um caso atravessa gerações quando se oferece como espelho imperfeito: ali, o leitor se reconhece humano, torto e inteiro por um instante.

No fundo, escrevo para não perder. Para não me perder. Para que o vivido continue respirando depois que a viagem termina.



Resumo Biográfico

Francisco Bernivaldo Carneiro é natural de Jaguarétama-CE. Funcionário público federal aposentado, é técnico em Edificações, geólogo com especialização em Engenharia de Saúde Pública e Ambiental (Sanitarista) e possui estudos em Administração Pública. Realizou dezenas de cursos de curta e média duração e participou de inúmeros eventos técnico-científicos, com destaque para o Primero Seminario Andino sobre Evaluación e Administración de Aguas Subterráneas, promovido pelo CEPIS – Centro Panamericano de Ingeniería Sanitaria y Ciencias del Ambiente, em parceria com o British Geological Survey, realizado em Lima, Peru, em março de 1986, ocasião em que proferiu palestra como único representante do Brasil.

É autor de três obras técnico-científicas publicadas, dez obras de ficção (entre romances, contos e crônicas) e um registro histórico. Entre orelhas, prefácios e apresentações, contabiliza mais de 30 participações em livros de autores individuais e em obras coletivas. Organizou e coordenou diversas antologias, coletâneas, revistas e informativos culturais.

É sócio efetivo de oito instituições literárias, incluindo a condição de membro fundador de academias e participação em suas diretorias. Foi vencedor de prêmios literários, entre eles o promovido por uma biblioteca ambulante de São Paulo, via internet, em 2007, na categoria sátira, com a obra "Satirizando o Cotidiano". Nesse certame concorreram autores e personagens simbólicos como Leonardo da Vinci, Gregório de Matos, Chico Anysio, G. K. Chesterton, Horácio, Gil Vicente, Décio Júnior, Mário Martins e a Revista MAD.

Em novembro de 2009, seu romance de estreia, "Fofocas, Futricas e Folclore", foi incluído na Agenda Cultural – Novas Aquisições da Biblioteca do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Foi finalista do Prêmio Nacional do SESC de Literatura em 2016.

Dentre as comendas e distinções recebidas, destacam-se: o Título de Cidadão Honorário do Município de Eusébio-CE; a Medalha Chico Anysio; o Troféu Destaque de Nossa Terra e Voto de Congratulação da Prefeitura Municipal e da Câmara de Vereadores de Jaguarétama-CE; Votos de Congratulação da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, pelos lançamentos das obras "Devaneios, Delírios & Desamores" e "PAPEIS INVERTIDOS e Outras Histórias"; além dos Prêmios Beberibe Cult e Quimeras de Teatro – Categoria Publicação (2024).

Anos das Edições

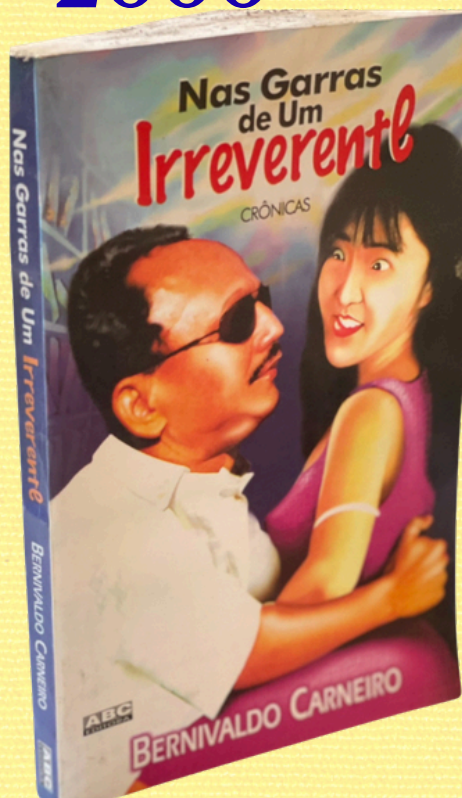
1998



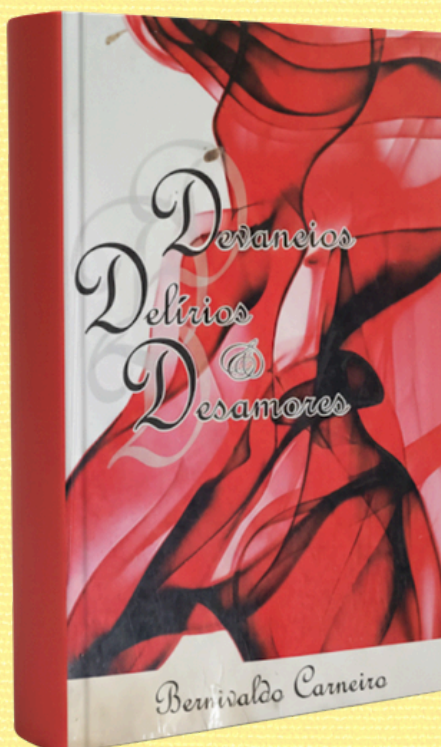
1999



2000



2011



2021

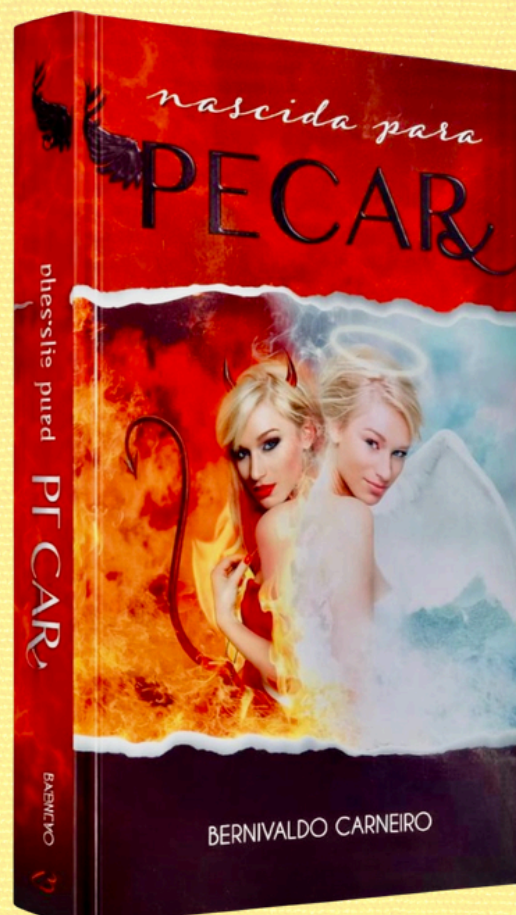


12

2022



2023



2024



2025



2025



13

Sinopses



**BERNIVALDO
CARNEIRO**



Caraíba Não Dança Toré (Romance, 2021)

Uma equipe técnica de um órgão federal fictício é enviada ao interior do Maranhão para atuar em terras indígenas. O que parecia missão burocrática rapidamente se transforma em experiência-limite. Entre etnias distintas, o romance desmonta visões romantizadas e expõe disputas de poder, choques culturais e ambiguidades éticas pouco confortáveis.

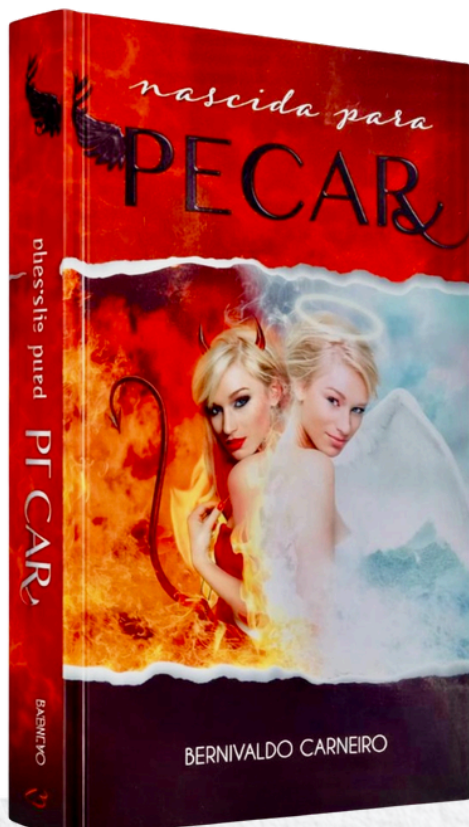
Com ironia e humor afiado, Bernivaldo Carneiro mistura ficção, memória profissional e episódios históricos para revelar um Brasil profundo, contraditório e humano. A metáfora do título resume o impasse central: o caraíba não dança o toré e talvez nunca dance. Leve na forma, incômodo no conteúdo, o livro convida a olhar o país sem filtros idealizantes.

Os Mortos de Olegário (Contos, 2022)

Em “Os Mortos de Olegário”, ninguém descansa em paz — nem os mortos, muito menos os vivos. Bernivaldo Carneiro faz da morte matéria-prima literária e do cotidiano um território de emboscadas morais, onde sogras hipocondríacas, gatos libidinosos, acadêmicos vaidosos, amores tortos e fantasmas nada etéreos disputam espaço com a culpa, o desejo e o riso.

Ao longo de trinta contos, o autor ri da solenidade, sabota o politicamente correto e transforma a irreverência em método narrativo. Aqui, a morte não encerra nada: apenas ilumina o que ficou mal resolvido em vida. O humor, ora ácido, ora cúmplice, não busca aliviar — prefere revelar.

O livro convida o leitor a rir onde não devia e a reconhecer, com certo desconforto, que todos nós carregamos mortos particulares. Não consola. Provoca. E diverte, perigosamente



Nascida Para Pecar
(Romance, 2023)

“Nascida Para Pecar” é um romance sobre limites instáveis, desejos inconvenientes e pactos que cobram seu preço. A partir de um acordo improvável entre pai e filho, a narrativa atravessa afetos familiares, dilemas éticos e territórios onde amor, poder e culpa se confundem, revelando silêncios, concessões e feridas que insistem em permanecer abertas.

Entre episódios cômicos, eróticos e trágicos, o livro questiona até onde se pode ir em nome do amor e quem arca com as consequências quando fronteiras são rompidas. Com linguagem envolvente e coragem para enfrentar tabus, Bernivaldo Carneiro constrói uma história que provoca, seduz e inquieta. Porque, às vezes, pecar não é escolha — é destino.



PAPEIS INVERTIDOS & Outras Histórias
(Contos, 2024)

Em “PAPEIS INVERTIDOS & Outras Histórias”, Bernivaldo Carneiro constrói um mosaico de narrativas marcadas pelo humor corrosivo, pela sátira social e pelo prazer da inversão. Personagens comuns — muitas vezes grotescos, ingênuos ou excessivos — são colocados em situações-limite, onde moral, ambição, desejo, vaidade e ridículo trocam de lugar com naturalidade desconcertante.

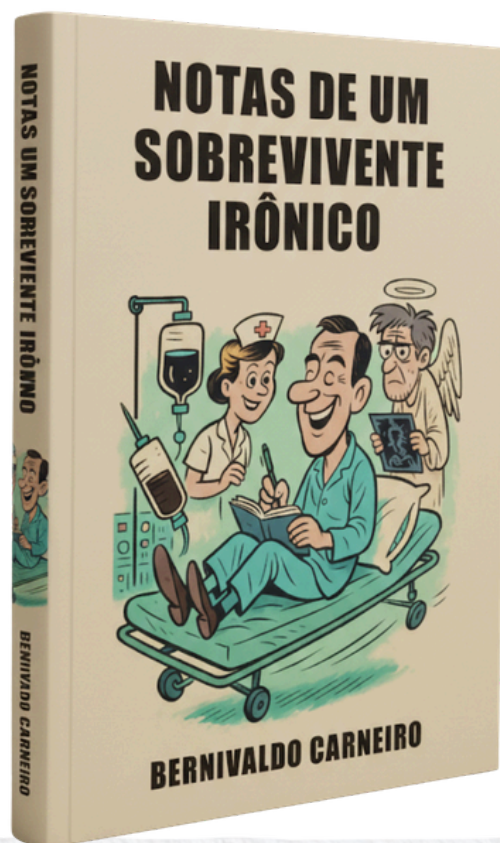
Nada aqui é exatamente o que parece: vítimas tornam-se algozes, virtudes escondem vícios, talentos nascem tortos e o sucesso costuma cobrar preço alto — quando não risível. Com linguagem oralizada, ritmo ágil e olhar atento ao absurdo do cotidiano brasileiro, o autor transita entre o cômico, o cruel e o tragicômico.

Suave na forma e afiado no conteúdo, o livro diverte enquanto expõe, sem piedade nem solenidade, as engrenagens do riso, do fracasso e da condição humana.



VIVER?, VIVI! – Narrativas de Viagens
(Crônicas, 2025)

“VIVER? VIVI! — Narrativas de Viagens” é um livro que se bebe em goles largos e se saboreia com demora. Aqui, Bernivaldo Carneiro troca a ficção pelo risco da vida vivida e nos conduz por estradas reais, onde o humor é passaporte, a memória é bússola e o prazer nunca viaja desacompanhado. Entre congressos improváveis, bares portenhos, cozinhas fumegantes, milongas, gaivotas, vulcões, vodkas, whiskies professorais e mulheres que sabem passar antes de ficar, o autor observa o mundo com ironia, curiosidade e apetite. Do Ceará às paisagens andinas, do Brasil profundo ao Cone Sul, cada crônica mistura trabalho, desejo, perigo e riso — porque viver, aqui, é enfrentar, errar, brindar e voltar para contar. Um livro que não promete conforto: promete viagem. E cumpre.



Notas de um Sobrevivente Irônico
(Crônicas, 2025)

Nascido de um diagnóstico inesperado, “Notas de um Sobrevivente Irônico” transforma a experiência da doença em literatura marcada por lucidez, humor e delicadeza. Exames viram oráculos, corredores hospitalares se tornam passagens existenciais e o corpo, em crise, convoca a escrita.

Entre internações, recuperações, viagens, afetos e epifanias cotidianas, o autor observa a própria fragilidade sem heroísmo nem autopiedade, recorrendo à ironia como gesto de sobrevivência. Mais que um relato clínico, o livro é um inventário de permanências e a prova de que narrar, às vezes, é a forma mais eficaz de continuar vivo.

Lagos



ISA BACELAR

Existem casas em forma de gente
Amor num nível difícil de nomear
Não é o romântico, mas me deixa carente
Não é tóxico mas me faz perder o ar
Preciso do afeto, do afago
Não me afasto, me afogo, me alago
Nos seus olhos em forma de lagos
Que são tão profundos
Não me deixam respirar
Não por desespero, mas admiração
Um desejo de medir a profundidade
e se perder na emoção
O lago foi lar, foi mãe, foi par
Enquanto meu coração não foi imparcial
Ele participou nos gritos de amor
Durante as despedidas, berrou a dor
Nos abraços apertados, se acalmou
No seu cheiro, se calou
Para não perder tempo
falando e poder te amar,
demonstrar, gritar, escrever, desenhar
O quanto te ama e precisa te amar

Encantamento

VICENTE ALENCAR

Um grande amor
Não nascido por acaso
com todos os pormenores
de um belo romance
sofre com as crises com
os desentendimentos,
com os terremotos, tão
naturais ao ser humano.
A contagem
dos minutos,
das horas,
dos dias, tão maravilhosos
no princípio,
não poderiam, nem
deveriam sofrer abalos ou
terminar.
Continuo por todo
o tempo
construindo
momento a momento este
entusiasmo, constante,
determinado sentimento
um amor maior.
O tempo de ontem reforça
o tempo de hoje.
Continuo vivendo
Intensamente
Meu encantamento por
você.

Distorções da Sociedade

No caminhar da vida, você sempre será criticado pela mais ínfima falha humana que você cometer, e nem tudo o que você fizer de bom e melhor será elogiado por isso.

Haverá muitos momentos em que você tentará com muito esforço demonstrar um bom coração em suas ações, mas infelizmente ninguém ou muitos poucos vão ver isso, e talvez até digam que de alguma forma você estará se aproveitando dessa situação. Mas não se preocupe, pois o que se planta é o que se colhe, e certamente uma ação positiva lhe renderá mais tarde algo bom para você.

Todo mundo afirma que devemos cultivar a honestidade, ser altruísta e gentil para com os nossos irmãos, mas dificilmente isso acontece no cotidiano de nossas vidas. Na hora de passar das palavras às ações, o ego fala mais alto e cada um busca seus próprios interesses, em detrimento daquele que mais necessita de um amparo psicológico ou mesmo de um apoio social.

Talvez seja esse o grande desafio da missão de nossas vidas, buscar a todo custo alcançar essa meta de virtude, e se empenhar em cultivar os verdadeiros valores éticos e sociais, principalmente quando se está rodeado de pessoas negativas que buscam sempre o contrário.

Contudo, mesmo que haja decepções e muita reação contrária, ainda assim, não pense que não vale a pena desenvolver boas qualidades, pois você estará aprimorando seu espírito na escala evolutiva de nossas vidas.

E desta forma, você sempre estará em paz com sua consciência tranquila, por saber que deu o melhor de si em prol de seu semelhante, ou seja, você fez sua parte, o restante será feito pelo Universo.

A falta de ar

A falta de ar em mim me consome
Sufocando minha alma em agonia
Como um fogo que queima sem controle
É a sede de ar que me domina

Respiro fundo em busca de alívio
Mas o vazio persiste em mim
Como um fantasma que me assombra
A falta de ar me torna assim

Me sinto preso em um labirinto
Sem saída, sem direção
A falta de ar em mim me consome
Despertando a minha solidão

Que a brisa suave do vento
Venha me trazer a paz enfim
E afaste de mim esse tormento
Da falta de ar que me consome até o fim

"Às vezes, sinto a falta de ar em mim
Uma angústia que me consome sem fim
É como se meu peito se apertasse
E me sufocasse, me deixasse sem paz

É como se o ar não chegasse aos pulmões
E eu me sentisse perdido em turbilhões
De pensamentos sombrios e incertos
Que me levam a lugares desertos

A falta de ar em mim me consome
É como se o mundo todo desabasse
E eu ficasse ali, sem forças para lutar
Sem saber como me erguer, como me salvar

É uma sensação de desespero profundo
Que me deixa sem rumo, sem rumo algum
E eu me vejo lutando contra o tempo
Para encontrar a calma, o alento



Ana Clara

**Mas, mesmo assim, a falta de ar persiste
E eu me sinto cada vez mais triste
É como se algo dentro de mim se quebrasse
E eu me perdesse em meio a um mar de frases**

**É como se o ar se recusasse a entrar
E meu peito apertasse, a sufocar
É uma sensação de desespero e dor
Que me consome a cada amanhecer**

**Respiro fundo, tento encontrar paz
Mas a falta de ar em mim se faz
Presente a cada instante, a me lembrar
Que algo em mim está a falhar**

**Procuro no silêncio da noite encontrar
A resposta para o que me sufoca a respirar
Mas a falta de ar em mim persiste
Como um lembrete de que algo se insiste**

**Será que é a saudade que me pesa
Ou a solidão que me atravessa
Será que é a tristeza que me assola
Ou a incerteza que me controla**

**Em aprendizado e crescimento
Em superação e renascimento
E que a falta de ar em mim me faça
Um ser mais forte e com mais graça.**

**Que a falta de ar em mim seja apenas
Um capítulo de uma história que amanheça
E que eu possa finalmente respirar
E viver em paz, plenitude e amar.**

Ana Lessa

Rosa Flor Menina

por Pedro Blum



Rosa flor menina,
Princesa do jardim,
Corre, beija me abraça,
Fica juntinho de mim,
Não existe no mundo,
Quem te ame assim.

Olhando para você,
Faço esta poesia,
Agora você me conhece,
Antes não me conhecia,
Agora que tu me queres,
Antes não me querias.

A cada dia que passa,
Me apaixono por ti,
Na noite que te vejo,
Alegre amanhãço a sorrir,
Coisa mais bela na vida,
Teu amor faz eu me divertir.

ALDRAVIA
Vida
pra
que
te
quero
sentir

Gilson Pónthes

Poesia Entediada

por Gilson Pónthes

A vida
Eu nunca me enganei
com tal ingênuo pensar
A vida é o que dela fazemos
Ela pode ser bem ou mal vivida
O mistério da vida é esse:
É não ter qualquer mistério.
Nós é que a tornamos
misteriosa
e sem qualquer sentido.
Essas palavras que me soam
ocas e tolas e parvas.
As escrevi porque
me vieram à cabeça
Sem que eu as pedisse
à alguma musa